

# humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



CANTARELLA, Eva: *Itaca. Eroi, donne, potere tra vendetta e diritto* (Milano, Feltrinelli, 2002<sup>4</sup>) 236 p.

O livro cuja recensão agora apresentamos foi publicado pela primeira vez em Fevereiro de 2002 (Campi del sapere); em Setembro do mesmo ano, o estudo conhecia já a quarta edição (Feltrinelli), a mesma que usamos nesta nossa apreciação. Ora um tal indício de popularidade só se explica se supusermos que o livro foi bem acolhido pelo público em geral, ultrapassando, assim, o ciclo restrito dos especialistas de Homero, de história antiga e de direito grego, desígnio que a Autora atingiu pela hábil e cuidadosa combinação da erudição científica com a clareza e simplicidade expositivas. Tomando como pano de fundo o *nostos* de Ulisses a Itaca, CANTARELLA discute as marcas do surgimento do sistema da *polis*, bem como a paulatina evolução que os Gregos farão de um mecanismo de *vendetta* retributiva e de uma cultura de vergonha para uma sociedade de direito.

Esta abordagem é definida logo no início do estudo ("Premessa. Il viaggio", 11-16), onde a Autora faz uma introdução aos problemas centrais que irá tratar, sobretudo nas três partes em que se divide o livro: Itaca anterior ao regresso de Ulisses, mergulhada ainda no mandato da *hybris*; o trajecto do regresso e a oposição entre civilização e barbárie; a situação da comunidade após o regresso de Ulisses (com o lançamento das primeiras regras jurídicas da Grécia, que hão-de ser o berço da *polis*).

Na "Introduzione storica" (17-51), CANTARELLA trata boa parte das linhas essenciais da "Questão Homérica" (ao evocar as principais teorias do debate e os respectivos autores), fazendo também o enquadramento do mundo homérico do ponto de vista dos valores éticos, sociais e comportamentais, quando aborda temas como a *arete*, a "cultura de vergonha" e a "cultura de culpa", as lágrimas e o "egoísmo" dos heróis homéricos. Ao discutir o problema dos Micénios (sua descoberta e relação com Tróia), a Autora mostra estar igualmente bem familiarizada com a bibliografia específica e ser ponderada nas suas posições. Relativamente a Itaca, defende que nela se retrata a comunidade existente entre os sécs. X e VIII (e não apenas no séc. Vili, como se tende hoje a sustentar); por isso, a Autora termina esta secção concluindo que seguir os acontecimentos sociais e institucionais de Itaca equivale a assistir ao nascimento da própria *pòlis*.

Na primeira parte da abordagem sistemática do problema ("Itaca senza Ulisse", 53-102, CANTARELLA desenvolve uma série de reflexões muito pertinentes sobre a natureza de Penelope, sobre o poder que detêm figuras como Ulisses, Priamo, Menelau, Nestor, Telémaco e sobre o significado de instâncias como o *basileus*, o conselho e a assembleia existentes nestas sociedades; a Autora crê que as *poleis* homéricas são organizações comunitárias, onde é visível já a existência do embrião da *polis* e do *polites*, perspectivas estas que lhe permitem retirar as seguintes conclusões (102): «La *polis* è già quella "moltitudine di cittadini", in cui Aristotele identifica in primo luogo la sua essenza. Ma è anche qualcosa di più. Sia pur in embrione, è un'organizzazione in cui compaiono già le istanze del potere che diventeranno strutture portanti della *polis* classica: un "re" che anticipa la figura del magistrato, un'assemblea allargata e un consiglio degli anziani.»

Na segunda grande parte do estudo ("Ulisse verso Itaca", 103-160), a Autora aborda importantes problemas ligados às aventuras de Ulisses depois de sair de Tróia e antes de chegar a Itaca: a questão da *metis* ('inteligência astuta'), a relação com Nausicaa, os perigos da morte (Lotófagos) e da barbárie (Ciclopes e Lestrígones), as tentações ensaiadas por sedutoras (Circe, Sereias e Calipso). Discute, ainda, a descida ao Hades e as concepções do Além homérico, em que o Hades é visto como existência apagada de sombras colectivas (portanto, não há justiça retributiva na morte), embora o tratamento dos suplicados divinos coloque a questão da eventual relação dos seus castigos com o *apotympanismos*, penalização previsto, entre outra normas, no sistema legal ateniense.

Na última parte ("Ulisse a Itaca", 161-202), Cantarella desenvolve interessantes reflexões sobre a justiça doméstica aplicada pelo chefe de família (Ulisses), depois de regressar a Itaca: o significado da morte "sexuada" das servas; as diferenças de tratamento entre os Pretendentes, o aedo e o porqueiro; a antropologia histórica do sujeito, isto é, a noção de indivíduo, de responsabilidade e de liberdade de acção; e ainda o surgimento do direito em Itaca, que a Autora identifica com a sociedade das primeiras *poleis*. Conclui, assim, que com o uso da força física pela parte de "agentes socialmente autorizados", a Grécia pós-micénica entra finalmente no mundo do direito. Vale a pena recordar as palavras com que a Autora exprime estas mesmas conclusões (202): «Nella *polis* nascente la sanzione della vergogna continua a esistere, e ad agire con tutta la sua potente forza coercitiva: ma viene affiancata da una sanzione nuova, diversa, fisica, così come fisica era stata per secoli la reazione vendicativa. Senonché, ora, l'uso della forza fisica è una sanzione "pubblica".»

Com este livro, E. Cantarella, que se especializou, enquanto docente e investigadora da Università degli Studi di Milano, na área do direito grego antigo e nas instituições do direito romano, faculta um importante e fecundo conjunto de reflexões que são de grande utilidade para os estudiosos de Homero, de história da Grécia arcaica e de direito grego, sem perderem, no entanto, a clareza

e interesse expositivos capazes de seduzir os leitores menos familiarizados com estas questões do mundo antigo.

Delfim F. Leão

Gret hlein, Joñas: *Asyl und Athen. Die Konstruktion kollektiver Identität in der griechischen Tragödie* (Stuttgart, J.B. Metzler, 2003) 492 p.

Neste denso estudo, Gret hlein analisa o problema do asilo na tragédia grega como um tema capaz de servir os objectivos de uma estratégia de identidade da *polis* democrática, combinando uma abordagem cultural com o contributo da estética da recepção e da narratologia. O Autor dispensa especial atenção às *Suppliantes Euménides* de Esquilo, ao *Edipo em Colono* de Sófocles, às *Suppliantes, Medeia, Hércules e Heracles* de Eurípides, encerrando o estudo com uma síntese relativa ao asilo enquanto motivo construtor de identidades, onde ressalta em particular a apreciação da imagem da Atenas democrática.

Delfim F. Leão

HENRY, Madeleine M.: *Prisoner of History. Aspasia of Miletus and her biographical tradition* (New York/Oxford, Oxford University Press, 1995) 202 p.

*Prisoner of History* é uma tentativa de reescrever uma biografia da famosa cortesã do século V a.C., Aspásia de Mileto. Como é sabido, a personagem em causa é sobretudo conhecida pela sua relação com Péricles, figura importante da política ateniense daquele período. A relação entre estas duas figuras é sintomática de um período da História grega; aliás, como salienta P. Lévêque, o processo de que Aspásia foi alvo constitui uma das duas únicas ocasiões em que se registou que Péricles chorou, tal seria o amor sincero que nutria pela sua concubina (cf. entrada «Périclès» em *Dictionnaire de la Grèce antique*, Paris, Albin Michel, 2000). Da personagem feminina, contudo, pouco se sabe, porque pouco ficou registado. E, por isso, significativo que o dicionário acima mencionado, importante trabalho de síntese recentemente publicado, no qual colaboram os mais importantes helenistas franceses, e não só, não inclua qualquer entrada com o nome de Aspásia e que esta apenas surja na entrada dedicada a Péricles.

A A. deste estudo insere-se na corrente dos *gender studies* e a sua proposta para a biografia de Aspásia obedece às metodologias e princípios orientadores dos estudos dessa corrente. Na verdade, não são muitas as informações de que